

## **JESUS E AS MÃES DE ISRAEL; ou como Maria de Nazaré chegou a ser Mãe em Israel**

Monika Ottermann

### **Uma revelação: a história e o objetivo deste artigo**

Quando projetamos este número dos *Estudos Bíblicos* sobre “Jesus e as Tradições do Antigo Israel”, as idéias para possíveis artigos começaram com “Jesus e as Tradições Proféticas”, “...e a Lei”, “... e as tradições sapienciais”, “...e o sacerdócio”... Foi o interesse e a voz de uma mulher (eu) que propôs tematizar “Jesus e as Mães de Israel”. Afinal, anos atrás, em nossos primeiros exercícios de leitura feminista, essas figuras foram importantes. Digo “figuras”, pois as poucas mulheres não silenciadas e eclipsadas no Primeiro Testamento são, em sua grande maioria, figuras literárias e não mulheres históricas (cf. as reflexões de Brenner). E mesmo as mulheres históricas sofreram uma desconfiguração de sua imagem, por interesses patriarcais, androcêntricos (centrados no varão) e, às vezes, misóginos (hostis a mulheres) que tornam quase impossível reconstruir sua história real. Ainda assim, os textos sobre as matriarcas “oficiais” e não oficiais, as grandes heroínas e outras mulheres, com ou sem nome, eram e são importantes para uma leitura feminista libertadora da Bíblia. Ajudam-nos a criar uma maior consciência da participação e da luta, dos sofrimentos e da opressão – e dos erros e pecados! – de nossas irmãs mais velhas nesta busca por libertação e por “outras relações possíveis”.

Descobrimos também Jesus de Nazaré como um homem que buscava construir tais “outras relações” de gênero: chamava mulheres para segui-lo como discípulas (exemplos: Mc 15,41; Lc 8,2-3), debatia com elas assuntos teológicos (exemplos: Jo 4; Jo 11 e Lc 10,38-42), aprendia com mulheres a verdadeira vontade de Deus (exemplos: Mt 15,21-28; Mc 5; cf. Hb 5,8: “*aprendeu a ser obediente*”), partilhava com elas momentos de ternura e de amor (exemplos: Mc 14,3-9; Jo 20,11-18), e confirmou sua igualdade em dignidade e direitos, fazendo mulheres as testemunhas e apóstolas de sua ressurreição.

Então, pensava eu, deve haver assunto de sobra, mesmo concentrando-me em Jesus “mesmo”, no homem de Nazaré durante a sua vida, e não no Cristo do anúncio de fé após a Páscoa. Depois, fazendo o levantamento concreto, me deparei com um resultado que seria arrasador se eu me limitasse realmente ao tema exato deste número (e do Congresso da ABIB em cuja preparação foi combinado). Pois esse tema enfoca o aspecto chamado “Jesus Histórico”, e desse “Jesus Histórico” quase nada foi transmitido em relação com as “Mães de Israel”.

Aqui não podemos discutir o problema da “Busca do Jesus histórico” e das ideologias por trás dela. Isto pode ser feito em outros espaços, e um bom subsídio seria o li-

vro de Fiorenza, *Jesus e a política da interpretação*, que não procura construir mais uma variante do “Jesus Histórico”, mas revelar os interesses e limites das variantes já construídas, especialmente no âmbito da “Terceira Busca” que é conhecida entre nós através de obras de Horsley, Theissen, Brown, Crossan e outros. Aqui posso apenas afirmar a minha convicção (científica e de fé) de que cada imagem que construímos de Jesus de Nazaré, de sua vida e de seu projeto, é determinada por nossos próprios interesses e por nossas escolhas devido a esses interesses. Não é possível “descobrir” uma imagem “verdadeira”, nem é possível construir uma imagem “objetiva”, nem de Jesus, nem de outras figuras ou pessoas.

Por isso, a pesquisa feminista libertadora considera ético dar-se conta de seus interesses e revelá-los. É nesse sentido que eu gostaria de revelar meu interesse neste tema e o objetivo deste artigo: não é destacar algum aspecto a mais na figura de Jesus de Nazaré, no chamado “Jesus histórico”. É verificar, nas (Boas) Notícias preservadas sobre ele, a presença ou ausência de tradições sobre mulheres do Antigo Israel, para descobrir sua possível função para a vida dele, de mulheres que conviviam com ele e, principalmente, para a vida de mulheres de hoje.

### **Um levantamento: menção de “Mães de Israel” no Segundo Testamento, fora dos Evangelhos**

Na base deste interesse e objetivo, meus levantamentos reuniram alguns dados interessantes de mulheres e tradições mencionadas – vejamos.

Entre as tradicionais “mães de Israel”, as matriarcas do povo no qual nasceu Jesus, encontramos Sara, quase como estrela solitária: além de uma menção de Rebeca e uma de Agar, o Segundo Testamento fora dos Evangelhos não menciona ou alude a nenhuma outra. Mesmo assim, a Sara como pessoa interessa tão pouco que a maior discussão em torno dela nem menciona seu nome. Na carta aos Gálatas, Paulo discute a posição cristã em relação à Torá, usando a argumentação rabínica metafórica e alegórica (Gl 4,21-31). Contrapondo a não observância de toda a Torá à observância plena dela, ele evoca os dois filhos de Abraão, um nascido “da escrava, de modo natural”, e outro nascido “da mulher livre, por causa da promessa”. Depois de um complicado emaranhado de alegorias, ele dá um golpe meio baixo, lembrando que a Escritura mandou expulsar o filho da escrava e não lhe dar herança alguma. Mesmo considerando o clima polêmico e a importância para o Evangelho dele, devemos constatar que Paulo, nesse juízo sobre cristãos e judeus, mostra uma atitude que poderíamos chamar de “antijudaica”. E devemos constatar que essa passagem contribui pouco com o nosso tema, porque usa Sara e Agar somente como alegorias e porque reflete pouco daquilo que conhecemos como Evangelho de Jesus de Nazaré.

Na Carta aos Romanos, em 4,18-24, Paulo pensou melhor sobre a relação entre cristãos e judeus, mas novamente abusa da figura de Sara – sua menção serve somente para aumentar a grandeza da fé do pai Abraão. De modo semelhante aparece em Rm 9,6-13 novamente o filho de Sara como o filho da promessa e depois Jacó, o filho mais novo de Rebeca, como exemplo da livre escolha de Deus. Paulo afirma: “...nem todos

os nascidos de Israel são Israel, e nem todos os descendentes de Abraão são filhos de Abraão.” Essa atitude diferenciada em relação ao Antigo Israel, mais amena do que a exclusão categórica na Carta aos Gálatas, lembra de uma palavra atribuída a Jesus: muita gente de longe se sentará à mesa com Abraão, Isaac e Jacó, enquanto os herdeiros do Reino serão jogados fora (Mt 8,11; Lc 13,28-29). Mas nenhum texto onde Jesus se refere aos Pais de Israel deixa vislumbrar que ele tivesse também falado das Mães. Diante da abertura de Jesus em relação com mulheres, diante de sua opção escandalosa de partilhar sua mesa também com mulheres, podemos somente suspeitar que isso seja uma opção dos textos e não de Jesus. É provavelmente um dos muitos pontos onde os textos preservados manipularam a imagem de Jesus, por interesses próprios que não sempre eram os interesses de Jesus, e que certamente não eram os interesses das mulheres no Movimento de Jesus.

As únicas menções de Sara realmente interessadas na pessoa dela são típicas para a tensão entre o reconhecimento e o rebaixamento de mulheres que perpassa o Segundo Testamento: Hb 11,11, no contexto da “nuvem de testemunhas”, elogia a fé de Sara e diz que a promessa divina estava dirigida a ela (não a Abraão!). Em contraste, 1 Pd 3,6 condena os enfeites exteriores das mulheres e elogia suas qualidades internas, destacando como maior qualidade a submissão e a obediência aos maridos, conforme o exemplo de Sara.

Estas são as menções de “mães de Israel” fora dos quatro Evangelhos. Todas as outras mulheres – heroínas, rainhas e princesas, profetisas e sábias... – não ganharam nenhuma menção ou alusão nessa parte da literatura cristã primitiva. Com uma exceção: na “nuvem de testemunhas” encontra-se também Raab (Hb 11,31): “Pela fé, a prostituta Raab não morreu...”. Interessante: aqui, onde poderiam entrar ainda tantas outras mulheres, entrou justamente Raab, e ela não é mencionada em sua qualidade feminina tradicional de ser uma “mãe em Israel”, mas por causa de sua fé. Parece-me que é um grande reconhecimento, num texto que é tão androcêntrico que contém 2 nomes de mulheres contra 16 de homens (além da menção genérica “dos profetas” e de “algumas mulheres que recuperaram seus mortos, por meio da ressurreição” no v. 35).

### **Outro levantamento: “Mães de Israel” nos Evangelhos (não só) do Segundo Testamento**

A procura em Evangelhos, incluídos no Segundo Testamento ou não, traz um resultado muito interessante. Nada do que poderia ser atribuído ao Jesus Histórico ou, pelo menos, remontar a alguma atitude, ação ou palavra dele, contém alguma menção ou alusão de uma das tradicionais grandes mulheres na história do Antigo Israel. Nada de Sara, Miriam, Débora, Judite... Mas: algo muito explícito sobre certas outras mulheres, na sua qualidade de estarem à margem dessa história, e algo meio escondido sobre outras, em sua qualidade de serem transgressoras do sistema patriarcal. Vejamos.

Os Evangelhos de Mateus e de Lucas dizem que Jesus, quando lhe pediram um sinal, se lembrou não somente de Jonas, mas também da Rainha de Sabá (Mt 12,42; cf. Lc 11,31): “No dia do julgamento, a Rainha do Sul se levantará contra esta geração e a con-

denará. Porque ela veio de uma terra distante para ouvir a sabedoria de Salomão. E aqui está quem é maior do que Salomão.” Hoje temos consciência de que a sabedoria de Salomão não era lá aquela grande coisa: servia principalmente para querer matar um nenê, achando que isso poria fim à briga de duas mulheres (1Rs 3), e para oprimir com tributos e corvéia seu próprio povo (1Rs 4). Mas, na época de Jesus, sua sabedoria certamente era tão popular e admirada que Jesus, ao lembrar dela, acertou o gosto do povo.

Em outra ocasião, conta Lucas (4,14-30), Jesus já não se preocupou tanto com esse gosto e quase pagou com sua vida. Em Nazaré, quando anunciou sua opção pelos pobres, na força do Espírito Santo presente nele, o “povo” estranhou essa sabedoria e pretensão de um moleque local conhecido como filho de José, e este respondeu (4,25): “Nenhum profeta é bem recebido em sua pátria! Havia muitas viúvas em Israel, no tempo do profeta Elias... no entanto, a nenhuma delas foi enviado Elias, e sim a uma viúva estrangeira, que vivia em Sarepta, na Sidônia...”

Estas são as únicas menções de mulheres concretas do Antigo Israel, preservadas em palavras atribuídas a Jesus. Podemos apenas especular por que mencionam justamente mulheres estrangeiras, e mulheres bem “donas de si” e fora dos padrões patriarcais de suas sociedades...

Num sentido mais figurado devemos lembrar que Jesus se compreendeu como “Filho da Sabedoria”. A imagem refere-se a tradições do Antigo Israel onde aspectos divinos são personificados na figura da “Senhora Sabedoria” (Mt 11,19 e Lc 7,35; cf. Pr 8–9). Mas devemos lembrar que a sabedoria de Jesus é a sabedoria dos “pequenos” (Lc 10,21-24) e não a da elite. E podemos perguntar por que o Evangelho de João caracteriza Jesus como “Logos” (Verbo, Palavra) e não como Sofia (Sabedoria) – será que o problema era somente do gênero literário masculino e feminino dessas palavras?

Num sentido ainda mais figurado devemos lembrar de mulheres do Antigo Israel ao contemplar certas narrativas sobre mulheres na época de Jesus. Por exemplo, o Magnificat, colocado na boca de Maria de Nazaré (Lc 1,46-55), lembra de Ana, a mãe de Samuel (1Sm 1–2); o (des-)encontro com a Mulher Cananéia, da Fenícia, (Mc 7 e Mt 15) lembra das mulheres que procuraram o apoio de Eliseu (2 Rs 4), e o encontro de Maria Madalena e Jesus no jardim (Jo 20) lembra de Adão e Eva no Paraíso (como Novo Casal) e da procura da Amada pelo seu Amado no Cântico dos Cânticos.

E num sentido que não considera paralelos ou alusões óbvios, mas semelhanças na lógica e no espírito dos acontecimentos, nas atitudes e opções das pessoas, podemos encontrar em mulheres no Movimento de Jesus reflexos de mulheres “transgressoras” do Primeiro Testamento, e, em Jesus, um homem cúmplice dessas “transgressões”. Entendo por “transgressoras” mulheres que não ficaram presas ao sistema patriarcal, que transgrediram suas regras e leis e que não se deixaram sufocar por suas expectativas – desde as mulheres “autônomas”, não submetidas ao controle patriarcal por pais ou maridos (muitas vezes difamadas como “prostitutas”), até mulheres que exerceram liderança e influência pública e lutaram por isso com meios não sempre bem vistos. Seria interessante levantar (sempre com a devida avaliação crítica por causa da narração desde a perspectiva de homens patriarcais) os aspectos nos quais atitu-

des e atuações de mulheres do Primeiro Testamento poderiam ter inspirado as atitudes e aspirações de mulheres como a Sogra de Pedro, a Mulher com Fluxo de Sangue, a “Talita”, a Mulher Encurvada, Marta e Maria de Betânia (a última sendo a mulher que ungiu Jesus), Maria de Emaús, Maria Madalena, Salomé (as duas últimas tematizadas em vários evangelhos extracanonicos<sup>1</sup>), a “Samaritana” e tantas outras. É verdade que não saberíamos nada delas se suas memórias não tivessem “pegado carona” na memória de Jesus (e ainda assim de modo muito reduzido e desconfigurado)<sup>2</sup>. Mas também é verdade que o Movimento de Jesus, com seu projeto de outras relações possíveis, era atraente para mulheres que sonhavam com uma vida diferente, e propício para mulheres e homens que procuravam ensaiar passos rumo a essa vida.

Por último – em lugar de destaque – devemos lembrar quatro mulheres do Primeiro Testamento mencionadas explicitamente em relação com Jesus, ou melhor, com sua mãe, Maria de Nazaré. É em relação com essas cinco mulheres, mencionadas na genealogia de Jesus elaborada por Mateus (Mt 1,1-17; mas não por Lucas, cf. Lc 3,23-38), que, neste artigo, a expressão “Mães de Israel” ganha seu sentido mais profundo: Tamar, Raab, Rute e a mulher de Urias. Mateus as apresenta como ancestrais de “José, o marido de Maria”.

### **Uma provocação: Maria de Nazaré e outras “Mães de Israel” que sofreram violência sexual**

Sem poder discutir aqui diferentes interpretações da genealogia em Mateus e toda a sua teologia, apresento apenas os elementos mais importantes para o nosso tema das “Mães de Israel”.

As antigas genealogias não são registros em cartório. Seus elementos foram reunidos das mais variadas fontes de memória, oral e escrita, e deixam perceber uma grande liberdade em ajeitar dados e cobrir lacunas. Ao começar sua genealogia (e todo o seu Evangelho!) com as palavras “*Biblos gêneseos...*”, “Livro do Gênesis de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (1,1), Mateus alude explicitamente à grande genealogia da humanidade, construída em Gn 5, que começa com as palavras “*Sefer Toledot*”, “Livro das Gerações”. Como a maioria das genealogias, também esta é das camadas mais tardias do Primeiro Testamento, não tem valor de informação histórica, e também não tem a função e a intenção de fornecê-la. Genealogias serviam principalmente para afirmar a pertença de alguém a uma determinada tribo, para garantir seus direitos de proteção e sustento. Ou serviam para afirmar a pertença de um homem a uma tribo ou família de destaque, para garantir seus direitos a ofícios reais e/ou sacerdotais (cf., por exemplo, Esd 2,62-63 e Ne 7,64-65). Já que Mateus usa somente aqui, em 1,1 e 1,16, o nome de Jesus junto com seu título “o (Rei) Ungi-

1. A forma como essas memórias (antigas!) foram preservadas é tardia e mostra pouco da Maria Madalena e da Salomé que eram “discípulas” de Jesus (EvT 61!). Ainda assim, evidencia sua liderança no Movimento de Jesus; cf.: Evangelho de Tomé; Evangelho de Maria; Evangelho dos Egípcios; Proto-Evangelho de Tiago; Evangelho secreto segundo Marcos; 1º Apocalipse de Tiago.

2. Das muitas propostas de reconstruir essas memórias recomendo especialmente as de Maria Soave Buscemi, cf. bibliografia.

do” (Messias = Cristo), sua intenção é clara: declarar Jesus um descendente de Davi e, assim, o Messias esperado.

Mas essa intenção precisava vencer dois desafios: José não era o pai biológico de Jesus, e genealogias que passavam pela linha da mãe não existiam numa sociedade patriarcal. Mateus faz um elegante jogo de cintura: ele usa a fórmula padrão (cf. Rt 4,18-22 e 1Cr 2,10-15) “A gerou B; B gerou C...”, mas quando chega a José, ele a modifica: “Jacó gerou José, o marido de Maria; dela *foi gerado* Jesus, chamado o Cristo” (1,16). Isso suscita duas perguntas: Por quem? Como? A essas perguntas, Mateus dá duas respostas contraditórias, uma direta e uma indireta. A direta afirma: “Pelo Espírito Santo, de modo milagrosamente virginal” – cf. 1,18-25. E a indireta indica: “Por um homem que não era o seu marido, de modo vergonhosamente ilegítimo” – cf. em 1,3.5.6 as “mães em Israel” Tamar, Raab, Rute e Betsabéia. Curioso! Por que não menciona, por exemplo, Sara, Rebeca, Raquel, ou as mães dos reis de Jerusalém registradas em 2 Rs? O que há de especial nessas quatro mulheres, para estarem registradas aqui? Lembremos:

1. Tamar, duplamente viúva e sem filhos, dá um jeito de engravidar de seu sogro Judas quando ele lhe nega o terceiro marido merecido. Ela quase paga por isso com a sua vida (Gn 38).

2. Raab, uma mulher autônoma (chamada de prostituta), arrisca sua vida para proteger os espiões de Josué contra o rei de Jericó e para salvar a sua família na conquista israelita (Js 2). Diz a lenda rabínica que se casou depois com Josué (não com Salmon). Que romance lindo, mas que golpe baixo contra uma mulher que estava muito bem, fora do controle do casamento patriarcal! E que confusão de Mateus, declará-la mãe de Boas que viveu, conforme a cronologia bíblica, duzentos anos depois!

3. Rute é uma viúva que arrisca sua integridade corporal colhendo comida nos campos onde homens podem “incomodá-la” (Rt 2,1-9) e que engravida de um homem que (ainda) não é seu marido (Rt 3–4).

4. Betsabéia é a “mulher de Urias”, estuprada e engravidada por Davi, que depois dá um jeito de matar Urias e de incluir Betsabéia à coleção de suas esposas (2 Sm 11–12).

Ao longo dos séculos surgiram três explicações da menção dessas quatro mulheres:

1. eram pecadoras que Mateus menciona para preparar a declaração em 1,21, de que Jesus ia “salvar o seu povo dos seus pecados”;

2. eram estrangeiras que Mateus menciona para preparar a declaração em 28,19, de que “todos os povos” devem se tornar “discípulos” de Jesus;

3. estavam envolvidas em escandalosas relações sexuais irregulares, e Mateus as menciona para aludir à união irregular da qual nasceu Jesus.

As primeiras duas explicações devem ser descartadas: o Primeiro Testamento e as antigas tradições judaicas não apresentam essas quatro mulheres como pecadoras, e Tamar e Raab eram consideradas convertidas ao judaísmo, além de Maria não ser estrangeira. Mas também a terceira explicação não pode simplesmente ser aceita em sua

versão tradicional, de que Deus “escreve direito em linhas tortas”, ou seja, de que as quatro mulheres, como Maria, em suas relações irregulares tiveram um papel importante nos planos divinos de salvação, que foram dignas de intervenção de Deus e que mostraram muita iniciativa própria. A verdade é: encontramos nas histórias das quatro mulheres uma espantosa *falta de intervenção de Deus* (ao menos de intervenção direta, de uma aparição ou de outro milagre), e na história de Maria, conforme Mateus, uma espantosa *falta de iniciativa própria* – ela é apresentada como uma figura totalmente passiva.

Diante dessa situação, Jane Schaberg, uma biblista feminista, propõe fazer uma leitura crítica do silêncio em torno do pai de Jesus: o pai biológico de Jesus nunca é mencionado ou nomeado, ele está ausente das narrativas, mas esse silêncio e essa ausência não precisam significar que ele não existe! Se esta fosse a história de uma mulher “normal” do nosso meio, todo mundo, especialmente nós mulheres, saberíamos muito bem interpretar esse silêncio... E felizes as mães solteiras que “apenas” foram abandonadas por um pai biológico, felizes as mães casadas que “apenas” engravidaram de um homem que não era seu marido, mas com quem tiveram relações sexuais (mais ou menos) voluntárias! Porque, em milhões de casos, esse silêncio esconde algo muito infeliz: o crime mais baixo, mais covarde e mais onipresente do mundo – o estupro. Além de conhecermos a realidade cotidiana da violência sexual de homens que convivem normalmente entre as mulheres que agridem, sabemos também que estupro de mulheres é o “direito” dos soldados, dos inimigos em terras conquistadas ou governadas por um regime militar... E até hoje as leis que tentam criar a consciência de que mulheres não são simples objetos, de que não fazem parte dos despojos, de que essa forma particular de “tortura” é tão abominável como qualquer outra, ajudam quase em nada...

Não precisamos nos surpreender que biblistas, quando procuram discutir as narrativas da infância de Jesus para além do mito da concepção virginal, quase sempre se permitem considerar somente a alternativa de Maria ter cometido adultério, e não a alternativa de ela ter sido estuprada. É a velha história que se repete diariamente, inclusive em Delegacias de Mulheres: “O que você fez para merecer isso?!” Mas a consciência feminista crítica permite-se levar a sério a possibilidade indicada por várias fontes: de que Maria foi estuprada por um soldado romano. Vejamos.

1. Mateus menciona quatro mães de Israel que sofreram violência sexual e/ou correram perigo de vida quando engravidaram fora do casamento. E mostra também que José aceita Maria como esposa, embora grávida de outro homem, querendo protegê-la – uma vez na vida um homem que reage de modo não machista e não patriarcal, e que não aumenta o sofrimento e a violência já existentes! E, do mesmo modo como Mateus prestou um mau serviço a Maria e a todas as mulheres, transformando num toque de magia o sofrimento em honra, a violência em glória, aproveitando de lendas da época sobre gravidezes virginais causadas divinamente, ele prestou um mau serviço a José e a todos os homens, relacionando a reação não machista dele não com sua solidariedade com o sofrimento da mulher violada, mas com sua honra de criar um filho divino de uma mãe virgem!

2. Lucas transforma a “fuga” da Maria grávida, para se esconder e ter o apoio de outra mulher grávida<sup>3</sup>, em sua primeira “viagem missionária”, e faz de seu alívio sobre essa “salvação” junto a Isabel o cântico de uma libertação muito mais ampla (1,39-56). Também registra em sua genealogia que apenas “se pensava” que José era o pai de Jesus (3,23).

3. Mc 6,3 chama Jesus de “filho de Maria”, algo comum quando o pai era desconhecido ou ausente – e nunca menciona José.

4. Em Jo 8,41, a resposta que alguns adversários deram a Jesus deve ser traduzida: “Nós não somos filhos ilegítimos”: a presença explícita do pronome “nós” (*hymeis*) indica a acusação de que Jesus o era.

5. No escrito extracanônico “Atos de Pilatos” (2,3), os anciãos acusam Jesus de “ter nascido de fornicação”.

6. No Evangelho de Tomé (tardio, mas com material muito antigo), o Dito 105 afirma: “Aquele que conhece o pai e a mãe será chamado filho de uma prostituta”. Isso se refere provavelmente a Jesus e significa: ele conhece seu “pai” (Deus) e sua “mãe” (a Espírita Santa, conforme a tradição gnóstica), e ainda assim é acusado de ser filho de uma “prostituta” (Maria).

7. O Pai da Igreja Orígenes usa, em sua obra apologética “Contra Celso” (em torno de 250), textos desse Celso, um filósofo anticristão que escreveu em torno de 180 a obra “Doutrina Verdadeira”, baseada em fontes judaicas mais antigas. A versão divulgada por Celso é (cf. I,28.32.39.69): Jesus forjou a história de seu nascimento virginal, enquanto sua mãe Maria “foi odiada e mandada embora por seu marido”, e, pior ainda: “o poder divino não a salvou, e ninguém acreditou na sua história”. Ela era uma pobre fiandeira que ficou grávida do soldado Pantera, por estupro ou sedução. E o “carpinteiro de quem era noiva a expulsou, porque ela foi declarada culpada de adultério”.

8. Textos rabínicos preservados no Talmud, inclusive dos mais antigos (Mishná, dos tanaítas, séculos 1 e 2), mencionam várias vezes as curas e os ensinamentos heréticos de certo rabbi “Jesus filho de Pantera” (Yeshu ben Pantera: T. *Hullin* 2,22-24; Y. *Shabbat* 14,4,14d; Y. *Abodah Zarah* 27b; M. *Yebamot* 4,13; *Kallah* 51a). Tradições dos séculos II a V (Baraíta, dos amoraítas) identificam “ben Pantera” ou “ben Pandira” com “Ben Stada”, um rabbi acusado de heresias e crucificado na véspera da Páscoa (B. *Shabbat* 104b; B. *Sanhedrin* 67a; *Pesiqta Rabbati* 100b-101a). Finalmente, o livrinho “*Toledot Yeshu*” (século V, mas com material muito mais antigo), narra que o soldado romano José Pantera estuprou Maria que depois deu à luz Yehoshua, popular Yeshu. Por muito tempo, essas fontes eram consideradas pura mentira dos judeus contra os cristãos, mas hoje se admite (onde há fumaça, há fogo...) que preservaram dados que os próprios cristãos tentaram esconder (embora o bispo Epifânio, no século 4, discuta ainda esse “apelido” de Jesus).

3. Cf. para isso especialmente no capítulo 6 do livro de Elizabeth Fiorenza, *Jesus, Mary's child* (ver indicação completa na bibliografia final), as reflexões sobre a “Visitação no contexto de ocupação e violência sexual”.

## Uma conclusão: violência sexual ontem e hoje

Uma avaliação feminista dessas fontes pode concluir o seguinte: daquilo que muito bem pode ter sido um estupro, a teologia cristã patriarcal fez um nascimento virginal, para proteger a honra, a fama, o reconhecimento de Jesus que já estava por demais marginalizado nos âmbitos do seu povo e do Império. Colocou no centro o Cristo de seus dogmas, mas não Maria, a mulher vítima da violência. Fechou os olhos para a realidade humilhante e inventou uma ideologia triunfante, ao construir a teologia da virgindade de Maria. Mas tal teologia manifesta e promove uma dupla violência contra ela e contra todas as mulheres de todos os tempos: a violência sexual, e a violência psíquica que silencia, esconde e até glorifica a primeira. E essa dupla violência tem seus efeitos até hoje, sobre mulheres e sobre homens, como mostra Maria Soave Buscemi que, ao discutir os dogmas marianos, chama a Maria *assim construída* a “virgem inimiga das mulheres”.<sup>4</sup>

Aquilo que aconteceu com Maria de Nazaré acontece com muitas mulheres de hoje: a fé, a honra, o bom tom exigem silêncio e invenção de outras explicações, não permitem dar ao menos o consolo de um tratamento justo que poderia ajudar a sarar as feridas do corpo e da alma (desculpem essa divisão...). E, com isso, a sociedade patriarcal colabora para que as violências continuem acontecendo, protegendo os homens que as cometem... O abuso sexual é tão tabuizado porque a relação sexual como tal está ainda tão tabuizada e atrelada a mil regras sexistas e androcêntricas que, em grande parte, são justificadas com textos da Bíblia ou com sua interpretação tradicional. Por outro lado, muita gente já se libertou dessas regras, mas no sentido negativo de simplesmente fazer o que quer (o que sempre era permitido aos homens, desde que não atingisse o direito de posse de outros homens). Está na hora – já passou da hora – de buscar uma libertação no sentido positivo, de substituir regras e silêncios opressores por atitudes éticas e promovedoras de uma vida em plenitude: em prazer e em respeito. E, quem sabe, estas reflexões sobre Jesus e as “Mães de Israel”, inclusive Maria de Nazaré, possam ajudar nesta busca...

## Bibliografia

BRENNER, Athalya. *A Mulher israelita*. Papel social e modelo literário na narrativa bíblica. São Paulo: Paulinas, 2001.

BROWN, Raymond. *The Birth of the Messiah. A Commentary on the Infancy Narratives in Matthew and Luke*. Nova Iorque: Doubleday, 1979 (tradução brasileira: *O nascimento do messias: comentário das narrativas de Mateus e Lucas*. São Paulo: Paulinas, 2005).

BUSCEMI, Maria Soave. *Eu, Terra do Meio*. Corpo de mulher e leitura bíblica popular. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2007.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *As origens cristãs a partir da mulher*. Uma nova hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 1992.

4. Maria Soave Buscemi. *Eu, Terra do Meio*. Corpo de mulher e leitura bíblica popular. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2007, capítulo XII.

—. *Jesus e a política da interpretação*. São Paulo: Loyola, 2005.

—. *Jesus, Mary's Child, Sophia's Prophet: critical issues in Feminist Christology*. Nova Iorque: Continuum, 1995.

SCHABERG, Jane. *The Illegitimacy of Jesus. A Feminist Theological Interpretation of the Infancy Narratives*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1990.

SCHNEEMELCHER, Wilhelm. *Neutestamentliche Apokryphen, I: Evangelien*. Tübingen: Mohr, 1990 (tradução inglesa: *New Testament Apocrypha I, Gospels*; tradução brasileira em preparação pela Paulus).

*Monika Ottermann*  
Rua da Represa 75 C 56  
09641-030 São Bernardo do Campo, SP  
monicacebi@uol.com.br